



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DAPARAÍBA
CAMPOS JOAO PESSOA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB-IFPB
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO 2ª
LÍNGUA PARA SURDOS NA MODALIDADE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

CATHIA RAQUEL PEREIRA DA SILVA

**O USO DE RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE PORTUGUES COMO
SEGUNDA LINGUA PARA SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

JOAO PESSOA-PB

2021

CATHIA RAQUEL PEREIRA DA SILVA

**O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE
PORTUGUÊS COMO SEGUNDA LINGUA PARA SURDOS NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

TCC-Artigo apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus João Pessoa, Polo Alagoa Grande, para obtenção do título de Especialista em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª língua para Surdos, sob a orientação do(a) Prof.(a). Dr./Me. Katia Michaela Conserva Albuquerque.

JOÃO PESSOA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Biblioteca Nilo Peçanha – IFPB, *Campus* João Pessoa

S586u Silva, Cathia Raquel Pereira da.
O uso de recursos didáticos para o ensino de português como segunda língua para surdos no ensino fundamental / Cathia Raquel Pereira da Silva. – 2021. 18 f.
Artigo (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa como 2ª Língua para Surdos) – Instituto Federal da Paraíba – IFPB / Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Diretoria de Educação a Distância.
Orientadora: Profa. Ma. Kátia Michaela Conserva Albuquerque.
1. Língua portuguesa - Ensino. 2. Recursos didáticos. 3. Educação bilíngue. 4. Alunos surdos. I. Título.

CATHIA RAQUEL PEREIRA DA SILVA

**O USO DE RECURSOS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA PARA SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora, do
Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia
da Paraíba (IFPB), para obtenção do título
de Especialista em Ensino de Língua
Portuguesa como 2ª Língua para Surdos.

João Pessoa, 01 de março de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Kátia Michaela Conserva Albuquerque

Profa. Ma. Kátia Michaela Conserva Albuquerque

Orientadora – IFPB

Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro

Profª. Esp. Regina de Fátima Freire Valentim Monteiro

Avaliadora – IFPB

Conceição de Maria Costa Saúde

Profa. Ma. Mestra Conceição de Maria Costa Saúde Avaliadora
Examinadora – UFCG

O uso de recursos didáticos para o ensino de Português como segunda língua para surdos no Ensino Fundamental

Cathia Raquel Pereira da Silva.¹

Kátia Michaela Conserva Albuquerque.²

Resumo: O processo de letramento para alunos surdos, atualmente tem sido um grande desafio para os professores. É necessário mudar alguns paradigmas na Educação, especialmente, quando se trata do ensino da Língua portuguesa para surdos, que deve ser ensinada como segunda língua. Partindo desse entendimento, o objetivo deste artigo é discutir sobre o uso de recursos didáticos para o ensino de Português como segunda língua para surdos, no Ensino Fundamental. Utilizaremos como pressupostos teóricos, nesta pesquisa Bibliográfica, estudos de Campos (2013), Campello (2008), Skliar (2001), entre outros. Esses autores favorecem a compreensão da adaptação de recursos didáticos para o público surdo. Esta pesquisa caracteriza-se por ser exploratória, a abordagem qualitativa, técnicas de pesquisas bibliográfica e documental, focando no uso de recursos didáticos, com base na visualidade.

Palavras-chave: Recursos Didáticos; Educação Bilíngue; Surdos.

Abstract: The literacy process for deaf students, currently, has been a great challenge for teachers. It is necessary to change some paradigms in Education, especially when it comes to teaching the Portuguese language to the deaf, which should be taught as a second language. Based on this understanding, the objective of this article is to discuss the use of didactic resources for teaching Portuguese as a second language to the deaf in elementary school. We will use as theoretical assumptions, in this Bibliographical research, studies by Campos (2013), Campello (2008), Skliar (2001), among others. These authors favor the understanding of the adaptation of teaching resources for the deaf audience. This research is characterized for being exploratory, the qualitative approach, bibliographic and documentary research techniques, focusing on the use of didactic resources, based on visuality.

Keywords: Didactic Resources; Bilingual Education; Deaf.

1 Introdução

Mesmo diante da legalidade e da obrigatoriedade em nosso país, no que diz respeito ao ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e da Língua Portuguesa como segunda língua para alunos surdos, existem muitos enfrentamentos e barreiras entre os sujeitos: quem aprende, quem ensina e os recursos usados nos espaços de ensino-aprendizagem.

Essa pesquisa foi motivada por uma experiência que vivenciamos na qual tivemos a oportunidade de lecionar em uma turma em que havia uma aluna surda e nessa experiência, sentimos a dificuldade que é comumente enfrentada por professores, em inserir o aluno surdo na sala regular, de forma que o aprendizado e as atividades sejam democráticos e

¹ Titulação e filiação. Graduada em Letras e em Pedagogia (UFCG). Aluna do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

² Mestra em Linguística, pela UFPB. Professora de Libras do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

participativos possibilitando assim, a troca de aprendizado entre atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Ainda que sejam amplas as discussões em torno da educação inclusiva, algumas questões básicas precisam de atenção, como é o caso dos recursos didáticos no ensino de Português como segunda língua para surdos no Ensino Fundamental, de modo que os educandos possam mergulhar no conhecimento aprofundado da língua oficial do país e consigam acessar o conhecimento de modo amplo.

O processo de ensino bilíngue na rede regular de ensino está em fase de adaptação e nesse sentido, abordamos sobre os recursos visuais, discutindo aspectos que facilitam o ensino-aprendizagem da Língua portuguesa escrita para as crianças surdas no Ensino Fundamental, onde voltamos o olhar para o ensino bilíngue.

Neste estudo, estamos discutindo sobre recursos utilizados para os estudantes surdos, de modo a buscar por uma melhor qualidade de ensino e identificar as dificuldades dos alunos a respeito dessa língua, considerando que recursos pedagógicos atrativos estimulam a leitura e a interação entre os estudantes surdos e os ouvintes.

Este artigo tem a base teórica na pesquisa bibliográfica, a partir de estudos científicos com referências a vários autores dos quais destacamos: Campos (2013), Skliar (2001), Campello (2008). Em uma busca de resposta para a seguinte questão: Quais recursos didáticos podem ser utilizados para o ensino de Português como L2 aos alunos surdos no Ensino Fundamental?

Diante disso, este estudo visa discutir a respeito do uso de recursos didáticos para o ensino de Português como segunda língua para surdos no Ensino Fundamental I. No que se refere a sua estrutura, este artigo está dividido em fundamentação teórica, que aborda o ensino de Português como L2, no Ensino Fundamental, com o foco em recursos didáticos que atendam a visualidade dos estudantes surdos.

No tópico da metodologia apresentamos a caracterização da pesquisa e etapas deste trabalho científico. Uma breve discussão sobre recursos utilizados para o ensino da Língua portuguesa como L2 para alunos surdos no Ensino Fundamental.

2 O ensino de Português como L2 mediante a proposta de Educação Bilíngue para surdos

Não basta a educação ser legalmente um direito de todos, ela deve realmente ser assegurada na prática a cada aluno que busque a instituição escolar e precise ser acolhido, tendo a certeza da garantia do seu acesso e que ele se dê em um processo de inclusão, onde tenha garantido o seu direito de participar desse movimento educacional efetivamente, vivenciando as atividades educacionais que o levem para as possibilidades de aprendizagem.

Esse processo de inclusão é um movimento de luta que vem ganhando força, contudo, muito ainda precisa ser buscado para rompermos o desafio que é garantirmos os direitos a Educação para todos, uma busca que deve ser social e política. E, para que a inclusão seja de fato uma ação que promova a interação do sujeito com a língua, por um aprendizado para a comunicação, a escola tem de avançar, no sentido de assumir um compromisso com uma prática apropriada, dando conta do uso de recursos visuais adequados.

Entendemos que o olhar docente precisa estar voltado para essa questão dos recursos visuais, em uma realidade na qual a Libras não poderá substituir a modalidade escrita da Língua portuguesa que, para os surdos, é uma segunda língua, como é defendido no parágrafo único da Lei nº 10.436/02 (BRASIL, 2002). Assim, estar inserido, ser participante do processo educativo é um direito do surdo, assegurado no Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005).

A Língua de sinais vem conquistando o espaço que se faz necessário ao processo de inclusão e aos poucos abre um leque de possibilidades ao aprendizado da Língua portuguesa. No âmbito da inclusão observamos que a aprendizagem da Língua Portuguesa é tema de destaque, tendo em vista que abrange também a necessidade e as dificuldades presentes e enfrentadas pelo aluno surdo, dificuldades que estão ligadas principalmente, à leitura e escrita.

De acordo com a Lei nº. 13.146 (BRASIL, 2005), as questões educacionais referentes ao surdo brasileiro indicam a devida inclusão. Mas, sabemos que nem todas as instituições de ensino atuam dentro dessa indicação, pois ainda faltam determinadas condições, algumas estão apresentando uma política de inclusão social e educacional bem coerente com a lei, outras estão buscando passo a passo atingir esse ideal, pois não dispõem de ferramentas para oferecerem os atendimentos fundamentais às pessoas com deficiência.

Conforme Campos (2013, p. 48):

sabemos que o sucesso da escola de alunos surdos depende de como o domínio da língua está sendo apresentado como também as práticas pedagógicas do professor em apresentar uma aula diversificada e atrativa e aquisição de Libras para que o

aluno possa desenvolver aquisição plena da leitura e escrita do português como segunda língua pela criança surda.

Compreendemos que, para a escola regular ter e apresentar um currículo preparado, direcionado à inclusão do aluno surdo, ela precisa que seu professor utilize recursos didáticos adaptados para abranger alunos surdos, com o objetivo principal de garantir o acesso, a participação de todos e a possibilidade de interação quanto ao ensino-aprendizagem satisfatório a cada estudante.

Entendemos que o bilinguismo só tem eficácia se o aluno surdo dominar Libras, sua Língua materna e tiver como L2, o Português. Quadros (2000, p. 54) afirma: “quando me refiro ao bilinguismo, não estou estabelecendo uma dicotomia, mas sim reconhecendo as línguas envolvidas no cotidiano dos surdos, ou seja, a Língua Brasileira de Sinais e o Português no contexto mais comum do Brasil”.

No ensino-aprendizagem, o professor tem que dominar também a Libras que, assim como o Português, tem suas regras quanto ao uso. A Libras apresenta características gramaticais específicas, norteadas pela modalidade visuoespacial considerada como uma língua natural com características e princípios linguísticos.

Para Quadros e Karnopp (2004, p. 30):

As línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo, e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua de sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças.

Tendo em vista o fato de que a educação de surdos é nova, os alunos estão sendo aos poucos, inseridos na escola regular e isso requer um olhar não só para as condições do espaço físico, mas, para uma formação de professores que amplie discussões sobre os recursos que podem ser usados em sala de aula, pois a exposição dos assuntos deve estar acessível a cada educando.

Assim, quando o professor se apropria de base teórica e com conhecimento teórico-prático, se dedica para trabalhar os recursos de maneira criativa e segura, fazendo adaptações, se elas forem necessárias e as aulas podem realmente favorecer a inclusão do aluno surdo.

Conforme Campos (2013, p. 48):

O surdo é aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar pleno desenvolvimento cognitivo, cultural e social. A língua de sinais

permite ao ser surdo expressar seus sentimentos e visões sobre o mundo, sobre significados, de forma mais completa e acessível.

Algumas das alternativas interessantes quanto aos recursos didáticos voltados ao uso nas aulas, com os alunos surdos, são as atividades que envolvem visualidade. Estas atividades aparecem como formas eficazes na relação ensino-aprendizagem, pois os surdos apresentam facilidade na aprendizagem através desses recursos.

Nesse aspecto, Campello (2008, p. 129) chama a nossa atenção para as várias possibilidades de recursos:

(...) contação de história ou estória, jogos educativos, envolvimento da cultura artística, cultura visual, desenvolvimento da criatividade plástica, visual e infantil das artes visuais, utilização da linguagem de Sign Writing (escrita de sinais) na informática, recursos visuais, sua pedagogia crítica e suas ferramentas e práticas, concepção do mundo através da subjetividade e objetividade com as experiências visuais.

Com a evolução na educação, em que todos os alunos, independente de classe social e qualquer diferença ou dificuldade apresentadas por ele, o mesmo tem que ser inserido na escola. Então, foram surgindo novas estratégias e recursos didáticos voltados ao processo de ensino-aprendizagem direcionados ao aluno surdo, dentro de uma pedagogia conhecida como visual, onde o educador se apropria dos mesmos e aproxima o educando do assunto a ser estudado; estimula a aula tornando-a mais dinâmica; aproxima os conteúdos da compreensão do estudante; oferece oportunidade ao educando de expandir seus conhecimentos, dentre outros aspectos.

Essas possibilidades estão presentes como fatores de grande importância destinados ao ensino-aprendizagem também na “pedagogia visual, ou pedagogia surda, que é assim denominada considerando-se que a mesma pode ser compreendida como aquela que se ergue sobre os pilares da visualidade, ou seja, que tem no signo visual, seu maior aliado no processo de ensinar e aprender” (CAMPELLO, 2008, p. 131).

Essa pedagogia consiste em apresentar recursos bem simples, porém, eficazes como: gravuras, imagens, pinturas, fotografias dentre outros que podem ser direcionados ao aluno surdo.

Para Skliar (2001, p. 176):

[...] a experiência visual dos surdos envolve, para além das questões linguísticas, todo tipo de significações comunitárias e culturais, exemplificando: os surdos utilizam apelidos ou nomes visuais; metáforas visuais; imagens visuais, humor

visual; definição das marcas do tempo a partir de figuras visuais, entre tantas outras formas de significações.

Podemos mostrar através de meios visuais, o desenvolvimento quanto à relação intelectual e psicológica do aluno em conseguir práticas de desenvolvimentos através de uma nova visão de mundo, quanto aos aspectos objetivos e subjetivos envolvendo a cultura visual. Para tanto, reafirmamos o papel da escola como meio de promover a aprendizagem e atender necessidades globais de todos os seus alunos, realizando o processo de inclusão e investindo na adoção de recursos visuais.

Desse modo, retomamos uma ideia de uma educação que possibilite aos seus alunos viverem em um contexto sociocultural, agindo a partir de oportunidades com seus possíveis papéis naturalmente com autonomia. Nesse sentido, é necessário que o professor desenvolva estratégias e utilize recursos que atendam aos alunos surdos e ouvintes, que contemplem a necessidade de cada um, em ambiente propício ao processo de ensino-aprendizagem, já que a inclusão é um direito. Então, é importante entendermos que:

Será possível avançar mais nas questões de ensino, se os professores conseguirem adaptar os programas previstos as necessidades dos alunos, criando conexões com cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação. (MORAN, 2008, p. 5)

Com o objetivo de inserir o aluno na escola regular, o professor tem de apresentar estratégias de aprendizagem, se distanciando da alienação, mas acreditando e estimulando a interação, a união e o fortalecimento da efetivação do direito da pessoa com deficiência, com o objetivo de garantir a participação de todos em uma educação interessada realmente no aluno, nos alunos de um modo geral, assim não existirá barreira que não seja vencida, para que sejam apresentados novos recursos dirigidos ao processo de ensino-aprendizagem eficaz.

3 Metodologia

Essa pesquisa foi motivada por uma experiência que vivenciamos na qual tivemos a oportunidade de lecionar em uma turma em que havia uma aluna surda e nessa experiência, sentimos a dificuldade que é comumente enfrentada por professores, em inserir o aluno surdo na sala regular, de forma que o aprendizado e as atividades sejam inclusivas, possibilitando assim, a troca de aprendizado entre atores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem.

Considerando as dificuldades apresentadas no ensino igualitário para alunos surdos, em sala de aula regular, este artigo foi produzido a partir de pesquisa bibliográfica e documental. Segundo Mattar (2001, apud OLIVEIRA, 2011, p. 21), “os métodos utilizados pela pesquisa exploratória são amplos e versáteis. (...) levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudos de casos selecionados (...)”.

Quanto ao seu objetivo, este artigo se propõe a discutir sobre o uso de recursos didáticos para o ensino de Português como segunda língua para surdos no Ensino Fundamental. Para alcançar esse objetivo, outros específicos foram pensados, a saber: pesquisar referências sobre o ensino de Português para surdos; abordar o uso dos recursos didáticos na Educação bilíngue; Identificar recursos didáticos baseados na Pedagogia visual.

Ainda sobre a Pesquisa exploratória, observamos que Gil (1999, apud OLIVEIRA, 2011, p. 20) considera que:

a pesquisa exploratória tem como objetivo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. Este tipo de pesquisa apresenta menor rigidez no planejamento, pois é planejada com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato.

A presente discussão também evidencia a importância de o professor apresentar adaptações das atividades para os alunos surdos, tornando as aulas dinâmicas com o uso de recursos didáticos diversificados e ricos visualmente, visando o aprendizado do Português como L2, valorizando o artefato experiência visual. Como principais fontes de pesquisa recorremos a Campos (2013), Campello (2008), Skliar (2001), entre outros.

Para a elaboração deste artigo realizamos uma análise bibliográfica, partindo de leis, decretos voltados para o ensino do Português como segunda língua para surdos. Assim, os estudos voltados à produção deste trabalho científico foram realizados com base em artigos científicos e outros documentos comuns à pesquisa bibliográfica.

Severino (2007, p. 122), ao se referir sobre a pesquisa bibliográfica, afirma que:

é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses (...) Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos constantes dos textos.

Nesse sentido, os estudos foram realizados com base nos referidos autores. Desenvolvemos nosso artigo analisando recursos didáticos que favoreçam o ensino-aprendizagem de Língua portuguesa escrita para crianças surdas no Ensino Fundamental.

4 Reflexões sobre recursos didáticos para o ensino de Português como L2

Com relação às dificuldades dos alunos surdos apresentadas na sala de aula regular na qual temos alunos surdos, para um aprendizado de interação entre eles em que possamos incluir todos, existem outras dificuldades, a exemplo: falta de materiais didáticos para o trabalho com determinados conteúdos, falta de formação continuada do professor e da equipe pedagógica. Com isso, fica clara a necessidade de uma educação que apresente uma didática diferenciada para atender as crianças surdas. Sendo assim, os professores alfabetizadores precisam, além de estimular o *input* dos estudantes surdos, ensinar a Língua portuguesa de maneira visual, apresentando ferramentas práticas quanto à visão de mundo através da relação intelectual do aluno.

Aliar recursos visuais à metodologia adotada pelo professor, ao ensinar L2, adaptando seu material pedagógico, utilizando gravuras, sinais em Libras e palavras em Português configura-se como prática consolidada e verificamos que são variados os recursos disponíveis na internet que podem apoiar o trabalho docente direcionado a essa prática em foco.

Dentre inúmeras matérias que temos é preciso que o professor consiga êxito através de cartazes escritos, da datilografia e palavras em Língua portuguesa, imagens em que os alunos possam analisar as ilustrações e consigam perceber como elemento relacional a escrita. Esta ação estimula o contato com a Língua portuguesa escrita desde cedo, já que a apreensão desta língua é visual para o aluno surdo.

É fundamental que a equipe pedagógica tenha um olhar voltado para as estratégias de ensino necessárias ao alcance do aprendizado bilíngue, adotando materiais didáticos ajustados às necessidades desse educando.

Cruz (2016, p. 53), chama a nossa atenção para um ponto importante no contexto do ensino bilíngue:

No contexto de ensino bilíngue, é bastante interessante que existam dispositivos que permitam alternância entre estímulos ao pensamento verbal e ao pensamento não-verbal, uma vez que nos colocamos diante da multiplicidade de indivíduos, com suas diferentes características de aquisição e nível de domínio de língua. Expressar-se através da arte pode se tornar um saber transversal na escola, diante do qual essas

diferenças encontrem potência para comunicação e para o apoio da construção de saberes cada vez mais sofisticados, além de fortalecer a autoestima do aluno.

Compreendemos que a alternância de estratégias visando essa construção de saberes passa a ter forma com o empenho da equipe pedagógica e ganha movimento a partir de ações docentes efetivas no seu ensino com vistas nos recursos matéris.

Nessa perspectiva, o professor deve pensar, discutir e planejar para conseguir uma atuação na prática pedagógica em benefício do alunado, pois objetos de ensino devem ser adaptados para a realidade do aluno surdo. Esses instrumentos têm como função facilitar a aprendizagem na escola, que abre realmente seus espaços ao conhecimento.

Tais recursos direcionados ao ensino nessa perspectiva são adotados para darem vida à aula, despertar a criatividade. Com isso, o docente visa o desempenho do aluno quanto a Língua de sinais e Língua portuguesa como L2. Pontos interessantes a serem observados são as formas de apresentação de imagens com cores fortes no intuito de desenvolver também a linguagem.

A exploração das várias linguagens é um fator oportuno de ser observado. Trazê-las ao referido contexto é um passo acertado, pois é relevante a exploração das linguagens, no sentido de “levar o aluno a pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente para as situações e propósitos definidos” (BRASIL, 1998, p. 19). Essas medidas acabam facilitando a interação entre os alunos surdos, os ouvintes e os recursos, os conhecimentos, os saberes e o que mais a imaginação possibilitar.

Nesse sentido, Sardelich (2006, p. 453) alerta que:

na medida em que a imagem passa a ser compreendida como signo que incorpora diversos códigos, sua leitura requer o conhecimento e a compreensão desses códigos [...] as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento.

Tomando como base os objetivos e pesquisas aqui citados, após as definições de alguns autores foram identificados recursos adaptados, pautados na visualidade. Verificamos que são vários os recursos que podem favorecer o processo de ensino-aprendizagem e interação entre os educandos em uma sala de ensino regular, revelando a Língua portuguesa como L2, para alunos surdos no Ensino Fundamental.

Contudo, para que o docente e o aluno surdo possam conseguir êxitos em atividades propostas, a metodologia (o caminho a ser seguido nas aulas) deve estar de acordo com as condições do estudante surdo. Para que os professores possam explorar as características

visuais, as possibilidades de assimilação dos seus alunos, a opção de recursos de imagem, de vídeos, histórias em quadrinhos, tirinhas são fontes apropriadas (MARINHO, 2018).

Ainda de acordo com a autora, observamos que no trabalho com imagem deve haver “contextualização visual do texto e exploração do conhecimento prévio, dentre outras possibilidades” (MARINHO, 2018, p. 145). Nesse aspecto, o do trabalho com imagem, verificamos que:

as imagens são importantes na constituição do pensamento científico do sujeito surdo. Na linguagem verbal, a palavra possibilita a generalização e o raciocínio classificatório, e, no caso dos surdos, a representação visual poderá auxiliar nesses processos de pensamento. Além destas funções, a imagem favorece um pensamento relacional, utilizando os elementos visuais para estabelecer relações e comparações. (NERY; BATISTA, 2004, apud NASCIMENTO, 2014, p. 8)

Dentre os recursos voltados a uma prática pedagógica que atenda a perspectiva de inclusão temos o Mapa Conceitual, trabalhando a “memória visual, as imagens (palavras) de ligação que são apresentadas nos mapas” (LOBATO, 2017, p. 43), e tornam mais fácil para o aluno as associações: imagem/palavras, representações, conceitos. Esse recurso, de acordo com Lobato e Bentes (2018, p. 73):

é um elemento que possui diversos conceitos que indicam relações entre cada conceito ou palavra os quais usamos para representar algo no mapa. É relevante pontuar que devem estar claros no mapa quais os conceitos contextualmente mais significativos e quais os conceitos secundários ou específicos. Sendo que, em determinado Mapa Conceitual, as setas podem ser utilizadas para dar um sentido de direção a determinadas relações conceituais.

Interligar as partes de um conteúdo contribui de modo significativo com o melhor entendimento do aluno sobre o tema que está sendo estudado. Com esse recurso, o educador e o aluno vão ligando o conteúdo e suas partes, percebendo os assuntos trabalhados em sala de aula e suas conexões, trazendo-os à vida dos alunos, mostrando aos mesmos que os conhecimentos têm uma utilidade para o crescimento nos seus vários sentidos e, portanto, um significado na vida cotidiana, assim como no apoio para ampliar o entendimento sobre o mundo.

Segundo Barbosa (2016, p. 12): “os Mapas Conceituais (MCs) cumprem uma importante função quando empreendidos como instrumento avaliativo: fornecem informações para alunos e professores, permitindo-lhes correções e adaptações essenciais à aprendizagem e ao desenvolvimento”.

Isso é importante, pois, não é necessário voltarmos o pensamento apenas para as atividades de exercícios, de prática de leitura e de escrita, mas será válido o empreendimento em material que possa ser usado no processo avaliativo e os mapas conceituais são viáveis à prática avaliativa do processo de ensino e de verificação da aprendizagem do aluno surdo. Ainda sobre os mapas conceituais, Barbosa (2016, p. 27), afirma que “a técnica de utilização de mapas conceituais como prática pedagógica, apesar de não ter sido desenvolvida recentemente, ainda é pouco utilizada e difundida nas instituições de ensino básico no Brasil”.

Interessado em usar o mapa conceitual em uma aula sobre o gênero Fábula, por exemplo: O professor desenha no topo do quadro, um quadrado, ou um retângulo (ele escolhe a forma geométrica, que também pode ser escolhida com os alunos). No retângulo, do topo do quadro é colocada a palavra Fábula (o gênero a ser estudado). A partir daí, ele desenha outros retângulos, que devem ser ligados entre si, interligados por linhas traçadas, na medida em que vão dando desdobramento do conteúdo. Depois que coloca a palavra Fábula, ele vai dando sequência à aula, caracterizando o referido gênero textual: personagens; narrador; espaço onde ocorre a narrativa; tempo em que acontece o fato; e a moral da história.

Nessa atividade, as imagens são fundamentais bem como a Dramatização (que é outro recurso indispensável para aulas com o aluno surdo), usada para contribuir de forma significativa, associada às imagens. Esse também é um modo de apresentar as próprias histórias, trabalhar os gêneros textuais com os educandos. Assim, são variadas as possibilidades de conteúdos que podem ser apresentados. A utilização dos mapas conceituais também facilita a aula sobre Histórias em quadrinhos na qual o educador tem oportunidade de: “1. Diferenciar sentidos associados aos variados formatos de balão e tipos de letra empregados; 2. Reconhecer sentidos criados pela pontuação expressiva; Identificar a presença e a estrutura do diálogo” (MARINHO, 2018, p. 7) e ainda, caracterizar personagens, paisagens, tempo, clima, dentre outros fatores, explorando os temas.

As gravuras e fotos também devem ter lugar garantido nessa perspectiva de ensino, precisam estar presentes no cenário da educação inclusiva, como recursos de ensino disponibilizados, próprios para enriquecer as estratégias e estimular a participação do educando nesse contexto escolar.

Entendemos que a fotografia é realmente um objeto de ensino instigante para ser levada à sala de aula. Ela pode ser um estimulante elemento visual, possuindo muitas vezes um conteúdo expressivo e cheio de significados, pois revela bastante informação, tendo assim, a condição de prender a atenção do aluno e até quem sabe, pode despertar além da atenção,

suas emoções. Observamos que a foto é uma linguagem a ser explorada na escola, “existem muitas linguagens na arte, a fotografia é arte” (CRUZ, 2016, p. 37).

Percebemos que gravuras e fotos são valiosos instrumentos aliados de atividades pedagógicas e podem ganhar destaque na sala de aula quando estão disponíveis para a explanação de conteúdos de várias disciplinas, sendo muito interessante a associação entre esses recursos e seus significados, pois como vimos anteriormente: “[...] as imagens não cumprem apenas a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento” (SARDELICH, 2006, p. 453).

A dramatização também é útil na explicação de muitos dos temas (NASCIMENTO, 2014). Adotando expressão, movimento e linguagem corporal o professor contribui para assimilação de conceitos. Nesse sentido, “a linguagem teatral pode ser um grande diferencial no estudo sobre a diversidade e na inclusão de pessoas surdas na sociedade, favorecendo de forma significativa a comunicação entre surdos e ouvintes” (FREITAS, 2014, p. 18).

A capacidade que essa arte possui de envolver o sujeito através de sua forma de atrair pela via do olhar, pelo seu dinamismo, sua ludicidade e por ser em si um processo comunicativo efetivo, esse recurso precisa ser considerado como uma das prioridades ao pensarmos em ensino e aprendizagem no contexto do ensino fundamental, principalmente, enquanto instrumento para aulas com alunos surdos.

Nesse sentido, Vieira e Lima (2016, p. 86-97) afirmam que:

O teatro, por sua capacidade de absorção de linguagens e culturas, por seu poder de produzir encantamento, ao representar a realidade, mostra-se capaz de romper fronteiras, possibilitando uma visão educacional mais humanizada, aberta à diversidade [...] o teatro pode ser compreendido como um recurso valioso na educação do aluno surdo, pois a língua de sinais, por suas características visuoespaciais, apresenta afinidades com a gestualidade teatral como estratégia de ensino e aprendizagem, o teatro facilita a abordagem de conteúdos e conceitos, permitindo ao surdo uma melhor compreensão de seu objeto de estudo, considerando a possibilidade de se expressar artisticamente, sem utilizar a língua dos ouvintes.

Esses autores pretendem levar o educador a refletir sobre o quanto existe de possibilidades quando se envolve a arte de dramatizar com o processo de ensino-aprendizagem, não apenas como elemento cultural, mas atribuindo para essa prática artística um maior espaço e tempo, nesse ambiente do conhecimento, onde o próprio aluno surdo precisa participar de forma ativa. Este também é um dos modos de promovermos a Educação Inclusiva.

Por todas essas possibilidades e pela facilidade que a dramatização oferece quando se trata de apresentação dos conteúdos escolares, se faz necessário um olhar especial para essa arte e junto com esse olhar, uma exigência de que esse ambiente educacional possua um palco literalmente, onde o aluno surdo participe como um sujeito ativo.

Os recursos apresentados nesta discussão são instrumentos que podem ser utilizados para apresentações de múltiplas temáticas de forma dinâmica. São indicados como importantes recursos facilitadores da formulação do entendimento da parte do aluno surdo sobre conceitos apresentados pelo professor, sendo, portanto, relevantes canais de linguagem visual.

5 Considerações Finais

Com a evolução na educação, o aluno surdo vai conseguindo assegurar os seus direitos de acesso ao conhecimento pela via do processo de ensino-aprendizagem no meio escolar, onde vem também vislumbrando os seus direitos linguísticos. Assim, passos importantes foram observados com o Bilinguismo, como uma abordagem de proposta de duas línguas no cotidiano escolar. É então, quando percebemos as barreiras que o professor passa a encontrar em sua sala de aula.

Nesse contexto, vimos que é importante o uso de recursos pedagógicos adaptados, nas salas de aula regulares. Logo, com os devidos materiais e atenção os referidos alunos se sentem acolhidos e participam bem mais das aulas, interagindo com todos os demais da sua turma.

O objetivo deste artigo consistiu em apresentar recursos didáticos que venham facilitar o ensino-aprendizagem de Língua portuguesa para crianças surdas no Ensino Fundamental. E seguimos também, refletindo sobre a adoção de estratégias de ensino bilíngue.

Esperamos, portanto, que este estudo contribua para aqueles que se interessam por Educação de surdos e que os professores possam criarem e adotarem o maior número de recurso possível em suas aulas, assim como possam também adaptarem em seus planos de aula, material já utilizado com alunos ouvintes, usando os mesmos adaptados para alunos surdos, analisando juntos com os educandos aspectos como cores, gravuras, fotos, dramatização, mapas conceituais e explorando as várias linguagens, no intuito de construir

uma sala de aula verdadeiramente inclusiva que possibilite a todos os educandos a sua formação integral.

Referências

BARBOSA, Eudilene Costa. **Mapas conceituais como instrumento de avaliação na disciplina de Língua portuguesa com CMAP TOOLS.** (Monografia). Universidade Federal de Roraima. Núcleo de Educação a Distância. Licenciatura em Informática. Boa Vista - RR, 2016.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Língua Brasileira de Sinais – Libras.** Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 2005.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 25 abr.2002.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua portuguesa. Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Pedagogia visual na Educação dos surdos-mudos.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

_____. **Aspectos da visualidade na educação de surdos.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2008.

CAMPOS, Mariana de L. I. Leandro. Educação inclusiva para surdos e as políticas vigentes. In: LACERDA, Cristina Broglia F. de; SANTOS, Lara F. dos (Org.) **Tenho um aluno surdo, e agora?:** Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: EdUFSCar, 2013.

CRUZ, Andreza Nunes Real da. **Aula de arte com surdos:** criando uma prática de ensino. Dissertação (Mestrado em Artes). Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Instituto de Artes. São Paulo, 2016.

FREITAS, Cilene Rodrigues Carneiro. **Processo de compreensão e reflexão sobre iniciação teatral de surdos.** Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília, DF., 2014.

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de Sinais Brasileira; estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

LOBATO, H. K. G. Desafios do Atendimento Educacional Especializado em escolas “inclusivas” e o ensino-aprendizagem de alunos surdos. In: SOUZA, C. T. R. de; BARBOSA, M. O.; BRIEGA, D. ap. M. (Orgs.). **Pesquisas em Educação Especial:** fios e desafios. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017.

LOBATO, H. K. G.; BENTES, J. A. de O. O uso de Mapas conceituais na pesquisa de Representações sociais. In: OLIVEIRA, I. A. de; OLIVEIRA, W. M. M. de; LOBATO, H. K. G. (Orgs.). **Pesquisa educacional sobre representações sociais: o uso da técnica do desenho e dos mapas conceituais**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

MARINHO, Mariana S. **Recursos para a elaboração de material didático no ensino de Língua portuguesa para alunos surdos: uma proposta curricular**. UERJ/FAPERJ, 2018. Disponível em: http://www.pgletras.uerj.br/lin_guistica/textos/livro08/LTAA8_a09.pdf. Acesso em: 13 fev. 2021.

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e aprender com tecnologias Interações**. Vol. V, n. 9, jan.-jun., 2000, pp. 57-72 Universidade São Marcos. São Paulo, Brasil, 2008.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. A pedagogia visual na educação dos surdos: das possibilidades à realização. **Didática e Prática de Ensino na relação com a Sociedade**. EdUECE - Livro 3 00614, 2014.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. **Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração**. Catalão: UFG, 2011.

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana – BA. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 128, p. 451-472, mai./ago. 2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SKLIAR, C. Perspectivas políticas e pedagógicas da educação bilíngue para surdos. In: SILVA, Shirley; VIZIM, Marli. **Educação Especial: múltiplas leituras e diferentes significados**. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

VIEIRA, Divino Gomes; LIMA, Hildomar José de. O teatro como instrumento pedagógico na educação de surdos. **Revista Sinalizar**, v. 1, n. 1, p. 93-102, jan./jun., 2016.